

FRAGMENTARIEDADE E DESCONSTRUÇÃO DO SUJEITO NO *LIVRO DO DESASSOSSEGO*

Alexandre Oliveira de Souza¹

RESUMO: Este ensaio visa dialogar a noção de *jogos de palavrar*, pensada a partir do *Livro do desassossego*, com os jogos de linguagem de Wittgenstein, trabalhando as noções fragmentárias do livro, do sujeito, da realidade e da linguagem etc. Analisamos, então, neste ensaio, a dissolução das estruturas firmes do pensamento, como a idéia de um *sujeito forte*, relacionada ao conceito de totalidade.

PALAVRAS-CHAVE: *Livro do desassossego*; “jogos de palavrar”; jogos de linguagem; fragmentação; desconstrução do sujeito.

RÉSUMÉ: Le but de cet article est de mettre en rapport la notion de jogos de palavrar, basée sur le *Livro do desassossego*, et la notion de jeux de langage de Wittgenstein, en travaillant les notions fragmentaires du livre, du sujet, de la réalité et du langage. Donc, on analyse dans cet article la dissolution des structures rigides de la pensée, comme l'idée d'un sujet fort liée au concept de totalité.

MOTS-CLÉS: *Livro do desassossego*; “jogos de palavrar”; jeux de langage; fragmentation; déconstruction du sujet.

¹ Mestrando em Literatura Portuguesa, na Universidade de São Paulo.

Antes de mais, devo assumir que o título deste texto é duvidoso. Aliás, (quase) todo título de texto é duvidoso. Nomear um texto é já um enquadramento, uma colocação de pressupostos ou de nossos *pré-conceitos*, lembrando aqui – não simplesmente para recordar e soltar, mas para dialogar – Gadamer, pois, quando lidamos com as coisas do mundo, já estamos jogando com sua rede de sentidos. Quando olhamos para o mundo, brincamos com o significado – quando digo “eu” digo porque aprendi a dizer “eu”, ensinaram-me a palavrar deste modo. Dentro de minha comunidade de sentidos, que é (quase) sempre social, usam-se jogos de linguagem parecidos, conseguimos nos comunicar, porque criamos jogos com parentescos, com *semelhanças de família*. O diálogo e os nossos *pré-conceitos* caminham sempre na direção do *mesmo*, posto que, para se criar pontes, fluxos recíprocos de linguagem, é preciso dizer o *mesmo*.

Naturalmente, este *mesmo* não é *concordância, identidade, unidade*. Não sendo nada disso, não seria melhor retirar esta palavra de nosso vocabulário? O caso é que talvez não precisemos optar por exclusão. Criar jogos de linguagem é mais ou menos isso, optar pela terminologia utilizada, o “[...] jogo de linguagem é caracterizado pelo que podemos e não podemos fazer” (WITTGENSTEIN, 1989, p.87). Estabeleço pontes entre *jogos de linguagem* e *pré-conceitos* porque o modo como os vejo não os coloca em oposição, mas participando um do outro – *criamos jogos desde já com nossos pré-conceitos*. Por exemplo, quando escrevo este texto, e dou título a ele, tentando jogar com o *Livro do desassossego* e dialogar com suas questões, trago comigo uma porção de mundos que já se colocam em discussão, conjuntamente. Quando escrevo *fragmento*, posso lembrar-me de Schlegel ou Novalis ou do mosaico das ruas de uma cidade onde vivi. Quando escrevo *sujeito*, preencho a palavra de sentido. O próprio agrupamento de palavras no título deste texto cria um jogo específico de linguagem, podendo trazer consigo noções de tempo específicas – dependendo do modo como o olhar irá recortar a realidade dos temas em questão.

Da mesma maneira que o *pensar* é visto por Wittgenstein como um conceito amplamente ramificado que “[...] implica muitas manifestações da vida” (WITTGENSTEIN, 1989, p.38), ou seja, tanto fragmentariedade quanto sujeito, todos os problemas aqui suscitados implicam muitas ramificações, uma proliferação de sentidos, uma construção e destruição contínua de jogos de linguagem, somente limitado por nossa finitude. Sendo assim, podemos dizer que o “eu” do presente texto é

tão volátil quanto o do *Livro do desassossego*, já que carrega consigo porções de outros mundos, e digo volátil no sentido de este eu estar sempre preenchido por outras vozes, que sempre se precipitam no ato do jogo do discurso. Assim, vozes, paisagens, mundos em geral permeiam o discurso, tanto este quanto o do *Livro do desassossego*.

Este texto não se apresenta tanto com intenções explícitas, mas como um diálogo – a leitura sempre implicando diálogo ou, talvez como diriam as palavras de Heidegger, um *embate de mundos*. Quando Heidegger olha os quadros de Van Gogh, surge um diálogo, um embate de mundos, um mundo se precipitando diante do outro. Não por oposição, mas por deixar-se ser visto, simplesmente. Leremos o *Livro do desassossego* sabendo que existem muitos ramos expostos em suas *linhas*, jogaremos com os seus jogos, de certa forma, já criando novos jogos – nem traduzindo e nem intencionando decifrar nada.

LIVRO DO DESASSOSSEGO: MODERNO OU PÓS-MODERNO?

Nem um nem outro. Digamos que – aqui – a pergunta não será respondida. A tentativa de resposta a ela seria uma limitação das possibilidades do *Livro* (entendemos agora o *Livro do desassossego* como sendo o *Livro*, apenas). *Moderno ou pós-moderno?* – Se o afirmo moderno, logo, uma catalogação literária é embutida, estampada em sua cara. Afirmá-lo pós-moderno faria-nos continuar com os mesmos problemas. Para isso poderíamos perguntar antes se: o que se quer nomear por pós-modernidade está disposto a catalogar, a criar uma lista de características específicas suas para, em seguida, vesti-la nas obras literárias. Talvez, porque parte do chamado discurso pós-moderno está disposto a isso mesmo: catalogar antes a pós-modernidade, criar um conceito, para depois encontrar a *identidade* na realidade.

Encontramos em determinados discursos pós-modernos as mesmas aporias de certas *modernidades* – a criação de uma teoria e a busca de uma *concordância* com a realidade é um dos fenômenos da modernidade (em Platão vemos um *traço* disso sendo criado: a realidade deveria *concordar* com a *essência*, com a *inteligibilidade das Idéias*). Quando se diz que Descartes é o “fundador” da modernidade, refere-se, também, a este evento: a verdade não provém do mundo sensível, mas deve ser fundamentada no intelecto, no pensamento, no sujeito, este é o pilar das certezas – *adaequatio rei et intellectus*. E a ciência moderna pensará de modo diverso? Sempre se

pensa diversamente, mas pensemos aqui o fato de a ciência moderna articular-se do mesmo modo:

Na física, cria-se uma teoria e depois pesquisa pelas experiências se seu processo corresponde à teoria. Só se mostra a adequação do resultado da experiência com a teoria. [...] A experiência não é vista de acordo com sua concordância com a natureza, mas sim com aquilo que é proposto na teoria e isto que é proposto na teoria é o projeto da natureza segundo a representação científico-natural, por exemplo, de acordo com Galilei. (HEIDEGGER, 2001, p.54).

E o que podemos dizer dessa parte do discurso pós-moderno que busca criar novos catálogos da realidade, mas, ao invés de estampar na camiseta “sou moderno”, estampa “sou pós-moderno”? Experimentamos, assim, um engendramento pós-moderno da realidade? É possível, mas jogando com esses jogos de linguagem constrói-se um jogo pós-moderno? Talvez não. Modernidade ou pós-modernidade é mais que uma metáfora? Um *trópos* da representação da realidade? As palavras *modernidade* e *pós-modernidade* dizem alguma coisa daquilo que se experiencia no mundo?

No *Livro*, parece haver uma dissolução de afirmações. Toda afirmação também se suspende, porque as afirmações desdobram-se em outras, aquilo que Pedro Eiras diz sobre a *ausência de afirmações absolutas* (EIRAS, 2005, p.373). As palavras podem ora dizer algo, ora dizer este *mesmo algo* de um outro modo.

Eiras pensa de modo interessante o jogo de diferenças, quando se refere aos *falsos afirmativos*:

Quando afirmativos, Soares, Pessoa, Campos recorrem à idéia de pluralidade para pensar além de uma lógica clássica. Na (ambígua) apologia de uma percepção do mundo, também Soares *por vezes* ultrapassa a modernidade em que vive, antecipando possibilidades irracionais ou lúdicas pós-modernas. O trabalho de luto do sujeito moderno racionalista seria concluído numa cosmovisão do aleatório, do relativo e do múltiplo. (EIRAS, 2005, p.373).

À parte a terminologia utilizada², Eiras aponta um diferimento essencial entre o que se engendra em Soares e na lógica clássica – um desdobrar-se que não transita da multiplicidade para a unidade, a meu ver, pois seu discurso não intenta a concordância com qualquer essência. O *jogo da identidade* é dissolvido, dando lugar ao *jogo da diferenciação*: do visto, do auscultado, do sentido, do significado. O que talvez mais distancie o *Livro* daquela lógica clássica seja a recusa constante da *identidade*.

Eiras afirma que não há oposição entre verdade e falsidade, relacionando tal engendramento à noção de verdade heideggeriana – *novas formas de ocultação são inerentes a qualquer desocultação*. Lançamos assim o *Livro* para longe da *verdade enquanto adequação* e das teorias do conhecimento modernas, em que a verdade enquanto certeza é radicalizada. Falar sobre limites do conhecimento, a pergunta por sua possibilidade, é transformar a verdade em um jogo de certezas e incertezas, dentro da possibilidade e não-possibilidade de *objetivação*.

O *Livro* dispensa a dicotomia certeza/incerteza, e não busca a objetivação em seu *jogo de palavar*, já que a objetividade nunca é alcançada. Digamos que a objetividade, em sua conotação científica³, nunca se dá.

No *jogo de palavar* do *Livro*, não se escolhe entre *isso* ou *aquilo*, o *jogo* pode ser *isso* ou *aquilo* ou nem *isso* nem *aquilo*, e desdobrar-se outras vezes. O fragmento 385⁴ nos apresenta o *ainda não*, o *não mais* ou o *pode ser*, sem afirmações absolutas – o *jogo de palavar* como *jogo de possibilidades* daquilo que se vê, sente. Ao olhar para o alto, o que se vê, névoa ou fumo? Saía da terra em direção ao céu ou o contrário?

² É possível associar o irracionalismo à pós-modernidade (afinal, os jogos são sempre desdobráveis, cria-se regras, mas mesmo as regras podem acontecer de modo diverso), mas não vejo, por exemplo, um *olhar* irracionalista no pensamento de Gianni Vattimo, e trata-se de um pensador pós-moderno. Até porque Vattimo não lê as epocalidades, os eventos, por meio de oposições (irracionalismo opondo-se ao racionalismo, etc.), muito menos por meio de sucessões. A pós-modernidade não é vista pelo filósofo italiano como algo que se opõe à modernidade, no sentido de ruptura radical - algo de seu *traço* sempre nos acompanha, aquilo que nos diz Heidegger: *a metafísica, mesmo no seu fim, perdura*. O *pós* da pós-modernidade indica que certa discursividade moderna está desestabilizada, aponta-se, desse modo, uma despedida de certos postulados da modernidade, ou seja, o desdobrar-se em outras possibilidades, e não a tentativa de encontrar uma nova fundação, como nos diz o próprio Vattimo “[...] a novidade nada tem de ‘revolucionário’ e perturbador, ela é o que permite que as coisas prossigam do mesmo modo” (VATTIMO, 1996, p.12).

³ Heidegger, em seu *Seminários de Zollikon*, nos fala de *objetividade* e *objetidade* para se referir ao mesmo evento interior ao pensamento científico, assim *objetidade* “[...] é um conceito moderno e significa o mesmo que objetividade [*Objektivität*]. *Objetidade* é uma certa modificação da *presença* das coisas. A presença a partir de si mesma de uma coisa é entendida aí pela sua possibilidade de representação através de um sujeito. A presença é compreendida como representação. A presença não é mais tomada como o que é dada a partir de si mesma, mas como aquilo que contrapõe a mim como sujeito pensante, como é ob-jezado para dentro de mim. Esta forma de experiência do ente só existe a partir de Descartes, isto é, desde que o homem alçou a condição de sujeito” (HEIDEGGER, 2001, p.126).

⁴ Todas as referências indicadas do *Livro do desassossego* pertencem à edição da Companhia das Letras organizada por Richard Zenith (2002).

Doença de nosso olhar ou a realidade mesma da natureza? São as perguntas colocadas no primeiro parágrafo do fragmento 385. O terceiro parágrafo e outros trechos criam *jogos de palavravar* repletos de parentescos com os *jogos de linguagem* wittgensteineanos *jogados* em seu *Anotações sobre as cores*⁵. Mas leiamos um fragmento do fragmento:

Nada era definido, nem o indefinido. Por isso apetecia chamar fumo à névoa, por ela não parecer névoa, ou perguntar se era névoa ou fumo, por nada se perceber do que era. O mesmo calor do ar colaborava na dúvida. Não era calor, nem frio, nem fresco; parecia compor a sua temperatura de elementos tirados de outras coisas que o calor. Dir-se-ia, deveras, que uma névoa fria aos olhos era quente ao tacto, como se tacto e vista fossem dois modos sensíveis do mesmo sentido.

Nem era, em torno dos contornos das árvores, ou das esquinas dos edifícios, aquele esbater de recortes ou de arestas, que a verdadeira névoa traz, estagnado, ou o verdadeiro fumo, natural, entreabre e entrescorece. Era como se cada coisa projectasse de si uma sombra vagamente diurna, em todos os sentidos, sem luz que a explicasse como sombra, sem lugar de projecção que a justificasse como visível. Nem visível era: era um começo de ir a ver-se qualquer coisa, mas em toda a parte por igual, como se o a revelar hesitasse em ser aparecido. E que sentimento havia? A impossibilidade de o ter, o coração desfeito na cabeça, os sentimentos confundidos, um torpor da existência desperta, um apurar de qualquer coisa anímica como o ouvido para uma revelação definitiva, inútil, sempre a aparecer já, como a verdade, sempre, como a verdade, gémea de nunca aparecer. (SOARES, 2002, p.383-384).

Como é leve ler este fragmento. Ele é jogado com maestria, a palavra que segue após a outra é como a jogada bem feita de um jogo de xadrez, a cada passo bem dado mais próximos estamos do xeque-mate. A acentuação do “r” cria brincadeiras belíssimas, como quando escreve *em torno dos contornos*: tudo se curva, entorta, com um “r”. Mas, diferente do xadrez, não vemos neste fragmento o xeque-mate – numa jogada do palavravar não há como dar um xeque-mate na realidade. Parafraseando Stefan George, digo que: no *Livro* o *é* falha quando a palavra se dá.

⁵ “60. Imagine-se uma pintura cortada em pequenos fragmentos, quase monocromáticos, que se usam como peças de um quebra-cabeças. Mesmo quando uma destas peças não é monocromática não deve indicar qualquer figura espacial, mas aparecer como um simples fragmento colorido. Apenas em conexão com as outras peças seria um pouco de céu azul, uma sombra, um brilho, transparente ou opaco, etc. Mostrar-nos-ão estas peças individuais as *cores reais* das partes da pintura?”

“61. Tendemos para acreditar que a análise dos nossos conceitos de cor nos conduziria, por último, às *cores dos lugares* do nosso campo visual, que são independentes de qualquer interpretação espacial ou física; aqui não há nem luz nem sombra, nem brilho, etc., etc.”

“62. O facto de eu poder dizer que este lugar do meu campo visual é verde cinzento não significa que saiba como se deveria chamar uma reprodução exacta do tom desta cor”. (WITTGENSTEIN, p.29 e 31).

Era como um começo de ir a ver qualquer coisa, uma sombra sem luz. Nem era, em torno dos contornos das árvores, ou das esquinas dos edifícios, aquele esbater de recortes ou de arestas, que a verdadeira névoa traz, estagnado, ou o verdadeiro fumo, natural, entreabre e entrescurece. E depois diz: Era como se cada coisa projectasse de si uma sombra vagamente diurna, em todos os sentidos, sem luz que a explicasse como sombra, sem lugar de projecção que a justificasse como visível. Os jogos de palavrão estão ali dialogando, criando um tecido, não de identidade nem de analogias, mas de diferimento, tudo é possível diferir. A verdade *acontece* jogando como jogo de possíveis. Sempre está aí, como *um apurar de qualquer coisa anímica como o ouvido para uma revelação definitiva, inútil, sempre a aparecer já, como a verdade, sempre, como a verdade, gêmea de nunca aparecer.*

Mas antes nos diz o *Li*: *E que sentimento havia? A impossibilidade de o ter, o coração desfeito na cabeça, os sentimentos confundidos, um torpor da existência desperta.* O *Li* desdobra o jogo do palavrão no ocultamento, mas sempre podendo palavrão no desocultar, a possibilidade coloca o *Li* despertado como ser-jogado-no-mundo, jogando com ele, jogando onde sempre esteve.

Pedro Eiras vê nisso, em muitas passagens de seu livro *Esquecer Fausto – A fragmentação do sujeito em Raul Brandão, Fernando Pessoa, Herberto Helder e Maria Gabriela Llansol*, uma estética solipsista. Fala também numa “[...] super-existência de sensações e ficções [...]” e “[...] super-existência do eu como conjunto de sensações [...]” (EIRAS, 2005, p.350). Acompanhamos Eiras quando aponta a explosão de sensações, como também já buscou fazer José Gil em seu *Fernando Pessoa ou A metafísica das sensações*, mas **não** quando se toma isso como motivo para afirmar uma *super-existência do eu*. O que lemos no *L*. (o *Li*. será agora lido como *L*.) não nos leva a pensar numa super-existência do eu, lemos o *L*. por meio de (possivelmente) um *nós* – caso se leia *eu* já não estamos lendo *nós*? Quando se diz “eu” já não digo “estou”, ou melhor, “estamos”? Somos e estamos-jogando-no-mundo. Isto se *aparenta* com aquilo que Heidegger diz do *Dasein*: se o *Dasein* diz “eu sou”, isso quer dizer “sou-em”, sou-no-mundo em que já me encontro lançado desde sempre. *Dasein* nunca é primeiro, um ente, por assim dizer, livre de ser-em.

A terminologia utilizada, ou seja, falar em *super-existência do eu*, acentua e aponta uma dicotomia radical permeando o *L*., como se o mundo só passasse a existir após a autorização de um *eu super-existente*. Os jogos construídos por Eiras são

possibilidades, não podemos tomá-los, assim como não quero afirmar o *outro possível* apresentado neste texto, como o mais verdadeiro. Jogo, simplesmente, para tentar manter o diálogo acontecendo, desdobrando-se e se movimentando. Consideraria uma calamidade, ou melhor, um desperdício de energia a tentativa de colocar um ponto final na *conversa*, na comunidade de dobras dos sentidos. Tomar o jogo deste texto como resposta a qualquer coisa do *L.* é colocar um ponto final em seu *laboratório poético*, impedindo o *sonho*, o jogo. O jogo de deslocamento de todos os pontos finais, de destruição dos imperativos, tão peculiar ao *L.* (assim como ao pensamento nietzscheano), conduz este texto para o campo das reticências, dos pontos de interrogação. Por isso, somente perguntamos: o *L.*, quando diz que o que ele gosta mesmo é de palavrar, já não lança os seus jogos para longe da dicotomia acentuada pela noção de *super-existência do eu*? Dicotomia entre eu-mundo, oposição, pois a noção de super-existência sempre extrapola esta oposição, pois afirma a dependência de um dos lados, neste caso, a do mundo em relação ao eu.

O gostar de palavrar não indica um acontecimento anterior, não no sentido de primeiro ou fundador. Não quero, em hipótese alguma, criar um discurso fundacionista, na verdade, opomo-nos justamente à colocação da dicotomia eu-mundo como fundadoras de intercâmbio entre um possível eu e um possível mundo, a idéia de que só existe mundo, só há realidade quando há um eu que funda este mundo, é um exemplo de nossos cartesianismos. A noção de eu-lírico é devedora do paradigma cartesiano, é um discurso subjetivista, posto que reduz a linguagem poética a um modo de ordenação de um sujeito que a funda em sua subjetividade e, desse modo, falar em sujeito poético é a mesma coisa, tudo fruto da metafísica moderna elaborada – em grande parte – por Descartes. Não parece ser o sujeito, muito menos o conhecimento deste, que funda uma relação com o mundo. O jogo de palavrar parece apontar para o fato de que nunca foi preciso criar uma ponte que ligasse o sujeito ao mundo, a qual, neste caso, pode ser vista como sendo a exigência da consciência, como intentava Kant, porque desde sempre estamos jogados no mundo, já somos e estamos, antes de qualquer eu-super-existente, jogados no mundo, fator que desfaz a dicotomia eu-mundo, pelo menos em seu entendimento enquanto fundadora de nossa relação com o mundo. O palavrar é um exemplo de que os jogos são jogados pelo próprio jogo, um mover-se recíproco em que o *sujeito* não é o dominador da realidade criada, assim como “[...] os atores ou o

dramaturgo, por exemplo, na representação ‘não mais existem, mas tão somente o que é jogado (representado) por eles’” (WITTGENSTEIN in: ROHDEN, 2002, p.147).

As sensações de Soares são todas elas duvidosas, são todas possibilidades de *indicação* de algum (possível) estado de coisas, desdobramentos de estado de sensações, de ânimo, de afetividade. O que diz das coisas pode ou não pode ser, os jogos do *L.* são duvidosos, jogam todos com o *risco*, jogam necessariamente sobre uma corda bamba. A descrição que o *L.* nos traz nunca se prende a um único sentido do que se descreve, a palavra nunca é tomada como uma etiqueta, um gesto catalogador. O que desdobra o palavrar não é um único traço que percorre seus jogos, mas uma comunidade de traços, de sentidos. Prolifera, ao longo do *L.*, um palavrar alucinado, que compõe e decompõe jogos diversos; podendo olhar para o céu e ver névoa ou fumo, tristeza ou alegria; podendo falar sobre a absurdidade dos sentimento que mais lhe doem, as emoções que mais lhe pungem, como no fragmento 196. Parece-nos estranho o apontamento comum que muitos leitores do *L.* fazem sobre a *alienação* presente em seus jogos. Não queremos aqui falar em seu teor revolucionário ao invés da alienação apontada⁶, entretanto, simplesmente desconsideramos, ou melhor, recusamos a terminologia; porque a idéia de alienação implica (assim como a idéia de revolução também implica), exige, para a manutenção do jogo, uma noção de verdade, de realidade, pré-estabelecida. O que o *L.* aponta, segundo esses leitores, como um gesto alienante e anulador do outro é, a meu ver – e diferentemente do que eles apontam – um deslocamento, uma desconstrução da moral que impõe um único caminho a seguir. O *L.* desgosta as *palavras sociais de moral*, porque esta moral engessa o palavrar, fazendo-o dizer sempre o *igual* ou forçando-o a mimetizar uma pretensa essência oculta. Para o *L.* (o *L.* agora será lido por *L*), não há muito como acreditar que haja uma norma da realidade a ser seguida, porque cada instante do real acontece na interpretação que fazemos dele, no diálogo que há entre nós: “[...] As coisas não valem senão na interpretação delas. Uns, pois, criam coisas para que os outros, transmutando-as em

⁶ “Revolucionário ou reformador – o erro é o mesmo. Impotente para dominar e reformar a sua própria atitude para com a vida, que é tudo, ou o seu próprio ser, que é quase tudo, o homem foge para querer modificar os outros e o mundo externo. Todo o revolucionário, todo o reformador, é um evadido. Combater é não ser capaz de combater-se. Reformar é não ter emenda possível. [...] Tudo para nós está em nosso conceito do mundo; modificar o nosso conceito do mundo é modificar o mundo para nós, isto é, é modificar o mundo, pois ele nunca será, para nós, senão o que é para nós. [...] Revolução? Mudança? O que eu quero de veras, com toda intimidade da minha alma, é que cessem as nuvens átonas que ensaboam cinzentamente o céu; o que eu quero é ver o azul começar a surgir de entre elas, verdade certa e clara porque nada é nem quer”. (*L.*, 2002, p.174-175). Isto é, que seu olhar *veja o que é possível e passível de ser visto*.

significação, as tornem vidas. Narrar é criar, pois viver é apenas ser vivido” (L, p.177). A relação se dá numa comunidade de sentidos, os jogos de palavarar criam possibilidades de significação. Muito ao gosto nietzscheano de que não há verdades, mas interpretações – *a verdade é uma ordem do discurso*. Assim como não conseguimos definir um conceito de modo unívoco, não conseguiríamos, em nossa relação com o mundo, definir ou enquadrar cada instante de realidade em jogos de palavarar definitivos, tudo pode transitar, desdobrar-se. Esses instantes impõem a flexibilidade ao jogo, desestruturam qualquer postura rígida, porque não vêem o mundo e seus eventos como passíveis de definição, sendo assim, o próprio palavarar não se sustenta por meio de terminologias fixas e definitivas⁷:

Mas, na realidade, não há paz nem falta de paz: céu apenas, céu de todas as cores que desmaiam – azul branco, verde ainda azulado, cinzento pálido entre verde e azul, vagos tons remotos de cores de nuvens que o não são, amareladamente escurecidas de encarnado findo. E tudo isto é uma visão que se extingue no mesmo momento em que é tida, um intervalo entre nada e nada alado, posto alto, em tonalidades de céu e mágoa, prolixo e indefinido. (L, p.226).

Não posso crer que o meu palavarar espelhe o mundo, porque ele pode sempre falhar diante do mundo que também se desdobra – em cores, sons, paisagens, sabores, sensações diversas. Os jogos de palavarar nascem e se dissolvem, porque são jogados na *situação* em que se usa a linguagem⁸. As regras do L, seu modo de olhar, surgem do *encontro* sempre possível e inovador com as coisas do mundo. E, ao invés da classificação, da catalogação definitiva da realidade, busca-se adentrar em sua transitoriedade, sua fugacidade, sua multiplicidade e fragmentariedade:

Os classificadores de coisas, que são aqueles homens de ciência cuja ciência é só classificar, ignoram, em geral, que o classificável é

⁷ “Somos incapaces de delimitar claramente los conceptos que utilizamos; y no porque no conozcamos su verdadera definición, sino porque no hay ‘definición’ verdadera de ellos. Suponer que **tiene** que haberla, sería como suponer que siempre que los niños juegan con una pelota juegan un juego según reglas estrictas” (WITTGENSTEIN, 1993, p.54). Não buscamos aqui identidade entre as proposições de Wittgenstein e o que lemos no L, somente consideramos que este diálogo pode enriquecer as questões aqui suscitadas. As regras de nosso jogo (o que se joga neste texto) também não são exatamente como as dos jogos wittgensteineano, afinal, construímos as regras e as modificamos *à medida em que praticamos um jogo*.

⁸ “É arriscado atribuir a Fernando Pessoa *uma* teoria da linguagem, como qualquer teoria única e exclusiva. A uma pratica plural, corresponde necessariamente uma teoria plural. Entre a teoria clássica da linguagem como representação e a teoria moderna da linguagem como produtora de sentidos e do próprio sujeito emissor, há toda uma gama de posturas teóricas assumidas, alternada ou concomitantemente, por Pessoa e sua *personae*”. (PERRONE-MOISÉS, 2001, p.257).

infinito e portanto se não pode classificar⁹. Mas o em que vai meu pasmo é que ignorem a existência de classificáveis incógnitos, coisas da alma e da consciência que estão nos interstícios do conhecimento. (L, p. 341).

O *L* antecipa algumas décadas a noção de *incontrolabilidade de sentido* introduzida por Jacques Derrida (sendo já um desdobramento da desobjetificação da linguagem intentada por Martin Heidegger) – podendo também estabelecer uma certa *semelhança de família* com parte da filosofia analítica, por exemplo, Quine. Para este, não há uma sinonímia perfeita entre os sinais que designam as coisas, porque na teoria semântica que significa a relação entre sinal e coisa *existe sempre um “mais” que não conseguimos explicitar* (Stein, 2000).

O mundo movimentado pelo jogo do *L* e o modo como buscamos, até agora, jogar com ele, dilui, desestrutura, a concepção de *totalidade* que a modernidade, permeada por um certo traço histórico, vem sustentando (quase) sempre. Não parece haver no *L* um *pensamento forte* que busque dar unidade ao mundo, concebendo-o enquanto totalidade. Seria necessário um sujeito forte para formar esta pretensa totalidade. O *L* parece *olhar* de um outro modo no diálogo que aqui propomos estabelecer – as regras de seus jogos de palavrar (quase) sempre lançam a nossa *situação* para lá das definições de um sujeito etiquetador do mundo. Ao invés de colocar as palavras, por meio de generalidades, num pacote, acredito que o *l* (o *L* agora será lido por *l*) fura o fundo deste pacote, deixando as palavras vazarem, escorrerem e, assim, multiplicarem os seus jogos, suas possibilidades de sentidos:

Conheço que o dia, límpido e imóvel, tem um céu positivo e azul menos claro que o azul profundo. Conheço que o sol, vagamente menos de ouro que era, doura de reflexos húmidos os muros e as janelas. Conheço que, não havendo vento ou brisa que o lembre e negue, dorme todavia uma frescura desperta pela cidade indefinida. Conheço tudo isso, sem pensar nem querer, e não tenho sono senão por lembrança, nem saudade senão por desassossego. (*l*, 2002, p.380).

A reiteração do *conheço* é praticamente uma brincadeira, um jogo de criança que não se importa tanto com as regras quanto com o desdobramento da sensação do jogar, do palavrar. Seja referindo-se a qualquer coisa – “Ninguém ainda definiu, com

⁹ “Tudo aquilo que os cientistas das ciências naturais podem provar dos processos físico-químicos no cérebro é verificável. Nada a opor a isto. Entretanto, não se deve esquecer que todos estes resultados são apenas prováveis, hipotéticos, pois a qualquer momento poderia aparecer uma prova em contrário” (HEIDEGGER, 2001, p.217).

linguagem com que compreendesse quem o não tivesse experimentado, o que é o tédio” – a indefinição, o descompasso entre partes, permeia o *l*, um *não sei disso nem daquilo, somente jogo o jogo, vivo, experiencio, experimento, participo*. Neste jogar não se consegue “definir” (quase) nada (nem mesmo intenta definir qualquer coisa), sente-se impotente para tal feito, mas, dentro deste jogar, criam-se sempre novas possibilidades de jogadas e, ao mesmo tempo, apresenta-se uma espécie de predileção entre jogos, porque o *l* parece deslocar a definição e, ao mesmo tempo, desgostar de certos modos de palavrar:

O que a uns chamam tédio, não é mais que aborrecimento; o que a outros o chamam, não é senão o mal-estar; há outros, ainda, que chamam tédio ao cansaço. Mas o tédio, embora participe do cansaço, e do mal-estar, e do aborrecimento, participa deles como a água participa do hidrogênio e oxigênio, de que se compõe. Inclui-os sem a eles se assemelhar. (*l*, 2002, p.344).

O *l* opta por outros jogos que não os da *definição* ou da *catalogação* do mundo, não há estabilidade nas estruturas da realidade, em sua comunidade de sentidos. Tudo joga com o risco dos possíveis, como nos jogos de cores wittgensteineanos:

Se houvesse uma teoria da harmonia das cores, talvez começasse por dividir as cores em grupos diferentes, proibindo certas misturas e combinações e permitindo outras; e tal como na harmonia, as suas regras não se poderiam fundamentar.

[...] Os vários conceitos de cor estão decerto estritamente relacionados uns com os outros; os vários ‘nomes de cores’ têm um uso afim, mas há muitos tipos de diferenças. (WITTGENSTEIN, 70 e 69).

O *l* poderia dizer: *se houvesse uma teoria do tédio, se houvesse uma teoria do sonho, se houvesse uma teoria do nada, se houvesse uma teoria da angústia, nenhuma de suas regras poderíamos fundamentar*. Se não há *definição* ou *teoria* que seja estável e eterna para nada, como conceber um sujeito forte ou uma experiência absoluta do mundo? Seria preciso enquadrar o mundo em um único sentido ou seguir os passos deixados por uma essência que não tem muito sentido para o “bom” palavrar que só se conhece *como sinfonia* (fragmento 310): *não sei que instrumentos tangem e rangem, cordas e harpas, timbales e tambores, dentro de mim*, fala aqui de sua orquestra oculta – as coisas que não concebemos em sua presença. Os jogos de palavrar, sabendo que não conseguem excluir suas câimbras por completo, estilhaçam toda unidade intentada na multiplicidade das jogadas. Simplesmente, movimenta seus diversos jogos, sua

paisagem escrita. Vale tão somente palavarar, é como se o *l* nem fizesse questão de existir, é assim que, pelo menos nesse instante em que buscamos parar de escrever, lemos o

Referências bibliográficas

ANDRESEN, S. M. B. *Poemas escolhidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Navegações*. Lisboa: Editorial Caminho, 1996.

EIRAS, P. *Esquecer Fausto – fragmentação do sujeito em Raul Brandão, Fernando Pessoa, Herberto Helder e Maria Gabriela Llansol*. Porto: Campo das Letras – Editores, S.A., 2005.

HEIDEGGER, M. *Seminários de Zollikon*. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

PERRONE-MOISÉS, L. *Fernando Pessoa – Aquém do eu, além do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ROHDEN, L. *Hermenêutica Filosófica*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005.

SOARES, B. *Livro do desassossego*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

STEIN, E. *Diferença e metafísica – Ensaio sobre a desconstrução*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

VATTIMO, G. *O fim da modernidade: nihilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WITTGENSTEIN, L. *Fichas*. Lisboa: Edições 70, 1989.

_____. *Los cuadernos azul y marron*. Madrid: Tecnos, 1993.

_____. *Investigações Filosóficas*. Col. *Os pensadores* (Trad. José Carlos Bruni). São Paulo: Nova Cultural, 1991.

_____. *Anotações sobre as cores*. Lisboa: Edições 70.